

Laura de Mello e Souza
**O fascínio pelo país
estrangeiro do passado**

Nesta entrevista, Laura de Mello e Souza relembra suas experiências em vários arquivos do mundo e discute algumas das peculiaridades da história da Minas Gerais colonial.

> Laura de Mello e Souza resgata, na presente entrevista, suas experiências e reflexões a respeito da historiografia do Brasil colonial. Em 1982, a pesquisadora revolucionou a historiografia mineira ao lançar o livro *Desclassificados do ouro*,¹ obra fundamental, uma vez que foi capaz de desvendar, para além da imagem de opulência, o caráter tenso e conflituoso da sociedade mineira setecentista.

Autora de outras obras consagradas como *O diabo e a terra de Santa Cruz*² e *Inferno atlântico*,³ nunca abandonou suas pesquisas sobre o universo sociocultural de Minas Gerais, matizando de forma original o escravismo, as tensões sociais, o contexto administrativo, assim como a magia e religiosidade populares.

Esses diversos estudos, produzidos ao longo dos anos de 1984 e 1998, foram reunidos em *Norma e conflito*,⁴ livro publicado em 1999. Destaque para a análise, fundada em suas pesquisas documentais, da coartação, modalidade de alforria pouco difundida na América portuguesa, mas usual na região das Minas, tornando ainda mais complexa a sua estrutura social.

Temas relativos a Minas Gerais também reaparecem na obra coletiva *História da vida privada no Brasil*.⁵ Professora titular de história na Universidade de São Paulo (USP), Laura de Mello e Souza coordena atualmente o projeto de pesquisa *Dimensões do Império Português*, envolvendo docentes do Departamento de História da USP e dos institutos de Economia e de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Seu mais recente livro, *O sol e a sombra*,⁶ foi laureado com o prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria História e Ciências Sociais, em 2007.

Nas próximas páginas, Laura de Mello e Souza ilumina e compartilha com os leitores da **Revista do Arquivo Público Mineiro** aspectos inusitados e pouco conhecidos de sua trajetória pessoal pela história e pelos arquivos brasileiros e europeus.

RAPM – Como surgiu seu interesse pela história?

Laura de Mello e Souza – Não me lembro do tempo em que não tinha interesse pela história: acho que nasceu comigo. Talvez tenha começado como interesse por histórias. Pertencço a uma família de grandes contadores de histórias. Meu pai nos contava histórias toda noite, tanto as de fadas quanto as de bichos, da tradição brasileira. Meus tios que combateram na Segunda Guerra Mundial – e foram dois, um irmão de meu pai e um de minha mãe – contavam histórias do front. Minha mãe contava histórias da revolução de 1924, quando os amigos da família fugiram para a casa dela no interior, e da de 1930, quando ela fez lencinhos para os soldados. Meu padrinho, que era do Sul de Minas, contava histórias de todo tipo, bem como meu tio-avô paterno: de boiadas, de jagunços, das terras alagadas pela represa de Furnas... Minha tia-avó paterna, uma das pessoas a quem eu mais quis bem na vida, contava das transformações que presenciou ao longo dos 89 anos que viveu: o bonde puxado por burro, depois elétrico, o espanto com os primeiros aviões; contava também da vida no Rio nas primeiras décadas do século XX, falava dos hábitos, tão diferentes dos de hoje... Cresci fascinada por esse país estrangeiro que é o passado, para citar a frase conhecida do livro *The go-between*, de L. P. Hartley, sempre invocada por Robert Darnton. Depois, aos 12 anos, vivi na Europa e viajei muito com minha família, conhecendo, de fato, outros países, que me fascinavam da mesma forma. Como cresci e fui

colegial durante o regime militar, quando as ciências humanas foram muito castigadas, e quando rememorar nem sempre era fácil, reprimi muito essa minha paixão inicial. Pensei em ser arquiteta, psicóloga, médica: sobretudo médica – e aí, mais uma vez, por causa das histórias sobre os médicos da minha família, dezenas deles, inclusive meu avô, que participou da campanha contra a gripe de 1917... Acabei na história, para minha felicidade, porque cada vez gosto mais do que faço.

RAPM – Seu trabalho como pesquisadora foi pioneiro. Como foi pesquisar nos arquivos de Minas Gerais, particularmente a descoberta das devassas eclesíásticas?

Laura – Se houve algum pioneirismo, foi o de uma geração, e não o de meu trabalho. Todos nós pusemos o pé na estrada, reaprendemos o prazer de descobrir acervos e arquivos – alguns de nós até ficaram com sequelas de fungos e coisas assim, os que se aventuraram pelos arquivos não higienizados do interior. No meu caso, tive a felicidade de começar a trabalhar para valer num dos melhores arquivos que conheço até hoje, o Arquivo Público Mineiro, que já era, no fim dos anos 1970, organizadíssimo, e com os documentos muito bem conservados. Pisei ali pela primeira vez em 1978, recém-formada, ignorante e insegura.

Como cresci e fui colegial durante o regime militar, quando as ciências humanas foram muito castigadas, e quando rememorar nem sempre era fácil, reprimi muito essa minha paixão inicial.

Sempre fui tratada com a maior delicadeza e atenção. Sempre os funcionários se desdobraram para atender meus prazos corridos, as estadias em Belo Horizonte nunca eram muito longas, eu viajava de São Paulo, tinha ainda os créditos da pós-graduação, uma filha pequena. Só comecei com as devassas na segunda ou terceira viagem de pesquisa. Saía de São Paulo à noite, de Cometa [uma das viações que faz o trajeto São Paulo-Belo Horizonte], amanhecia em Belo Horizonte, trocava de ônibus na rodoviária e seguia para Mariana. Era uma viagem em todos os sentidos: começavam a

entrar pessoas com galinhas, rapadura, abóboras, o calor ia aumentando. Ficava no colégio das freiras e passava umas 10 horas por dia no Arquivo da Arquidiocese. Os funcionários, mais uma vez, davam uma ajuda: me deixavam trabalhar mesmo nos horários de almoço, sempre prestativos, felizes de que alguém tivesse vindo de tão longe para ver os documentos do arquivo. Tenho uma dívida eterna para com alguns deles, que me traziam códices achando que poderiam me servir – e serviam – e me levavam às estantes para mostrar como os livros estavam dispostos. Quando assinei o livro dos visitantes, levei um susto, havia ali uns poucos nomes: Sônia Siqueira, Eduardo França, Caio Boschi, José Ferreira Carrato, Iraci del Nero da Costa, Francisco Vidal Luna... As devassas foram talvez a documentação mais importante que pesquisei até hoje, pelas quais me formei historiadora de fato. São

difíceis de ler, a caligrafia não segue nenhum padrão, sendo às vezes feíssima, é preciso prestar muita atenção nas entrelinhas, nas anotações marginais... E as informações são de toda sorte: sobre economia, sexualidade, religiosidade, estratificação social... Sem as devassas eu não poderia ter aproveitado como aproveitei os processos da Inquisição, anos depois, nem aprendido a lidar com as informações fragmentárias que permitem entender os mecanismos da vida cotidiana. Não teria sequer entendido o que era ser feiticeiro naquele contexto.

RAPM – Qual a importância dos arquivos portugueses em suas pesquisas?

Laura – Muito grande, decisiva. Sobretudo minha vivência no Tombo. Como Luís Mott, Ronaldo Vainfas, Lana Lage e Daniela Calainho – para falar apenas dos meus companheiros de geração, aproximadamente – pesquisei no Tombo velho, que funcionava no mesmo prédio da Assembleia da República, no Palácio de São Bento, ainda na década de 1980. Havia poucos lugares, tinha de pegar umas fichas e esperar, levávamos broncas dos funcionários, e até do diretor eu levei, uma vez, porque éramos meio anárquicos, pegávamos as fichas e íamos tomar café e conversar, e depois voltávamos, em vez de ficar esperando

Saía de São Paulo à noite, de Cometa, amanhecia em Belo Horizonte, trocava de ônibus na rodoviária e seguia para Mariana. Era uma viagem em todos os sentidos: começavam a entrar pessoas com galinhas, rapadura.

sentadinhos. Os portugueses não estavam acostumados com essas coisas, nem nós com a maneira europeia de ser deles: hoje o mundo se uniformiza, se globaliza, as pessoas sabem melhor como se comportar em terra estrangeira. No primeiro dia em que entrei no Tombo, a professora Anita Novinsky, de quem eu tinha sido aluna, estava lá e me ajudou muito a entender um processo. Depois, fomos nos ajudando uns aos outros. Lembro quando descobri o que era a tal ordem de São Pedro, que aparecia em todo processo, e que não é ordem nenhuma, mas referência ao clero

secular. Ríamos muito e mostrávamos um ao outro as descobertas, como uma pequena mão que Ronaldo descobriu desenhada na marginália de um processo, mostrando o momento em que o réu confessou o que os inquisidores estavam buscando... Descobri os desenhos de José Francisco Pereira, negro feiticeiro que hoje é personagem de várias teses... Descobri o pacto assinado com sangue de Adrião Pereira Faria... Achar esses artefatos, esses documentos insuspeitados, é uma emoção indescritível. Sem falar das personagens anônimas, a quem o historiador devolve a identidade, como Mott fez com Rosa Egipcíaca,⁷ eu mesma fiz com Luzia Pinta...⁸ Na década de 1990, voltei ao Tombo para trabalhar com outros fundos, do Ministério do Reino, das chancelarias: essa pesquisa levou mais de 10 anos e resultou em *O sol e a sombra*.

Era outro Tombo, com a informatização adiantada, o magnífico prédio onde funciona até hoje, enormes mesas para espalhar os códices. Acho que o Tombo deve figurar entre os melhores arquivos do mundo. Trabalhei também no Ultramarino durante cerca de três anos, umas três estadias de pesquisa. Mais difícil, mas tenho menos vivência ali para poder dizer algo mais consistente. E trabalho sempre na Biblioteca Nacional, na seção de manuscritos, nos reservados... Gosto demais, há um mundo de coisas inexploradas sobre o Brasil ali.

RAPM – Como foi sua experiência em outros arquivos europeus?

Laura – Mais restrita. Trabalhei em duas temporadas no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Paris, o Quai d'Orsay. Documentação maravilhosa, trabalho tormentoso. Funcionários nem sempre atenciosos, um périplo para entrar e sair, o que só se pode fazer em caravana e em horas fixas, passando por revista detalhada. Salas apertadas, leitores de microfilmes muito antigos. Aquilo, afinal, é um ministério, não é para pesquisador ficar entrando e saindo. Deveriam arrumar outra sistemática. Mas o que encontrei ali, documentação diplomática, sobretudo, foi ouro em pó para minha atual pesquisa. Nos Archives Nationales, ainda em

Trabalhei um mês no Archivio di Stato, em Turim. Este sim, um sonho de arquivo, acho que o melhor que já conheci. Tudo perfeito: documentos do século XVI impecáveis, secos, limpos.

Paris, não consegui trabalhar, passei um dia indo de seção em seção, tirando foto, fazendo carteirinha, pagando taxa, olhando catálogo, até me dizerem que os documentos que eu queria ver estavam indisponíveis, tinham sido contaminados por asbesto. Achei tudo meio caótico, o que alguns colegas franceses confirmaram com veemência. Trabalhei um mês no Archivio di Stato, em Turim. Este sim, um sonho de arquivo, acho que o melhor que já conheci. Tudo perfeito: documentos do século XVI impecáveis, secos, limpos. Um sistema de busca por computador excelente. Guias de consulta

magníficos. Mesas e cadeiras fantásticas. Vou gastar todos os meus adjetivos com esse arquivo. Sem falar no pessoal que atende: todos do mais alto nível, verdadeiros pesquisadores. Um horário de funcionamento generosíssimo, aliás, como o do Tombo: das 8h30 às 19h. Fora da Europa, adorei trabalhar na seção de manuscritos da Newberry Library, em Chicago, e na Stanton Collection – coleção de obras raras que pertence à Universidade de Toronto. Bom, mas não estamos falando de bibliotecas: se estivéssemos, teria de abrir espaço para as americanas, inclusive a Nettie Benson Collection, da Universidade do Texas. Essas bibliotecas americanas são de fato uma coisa do outro mundo. E a liberdade de ir e vir, de pesquisar, eu nunca vi igual em lugar algum. Aliás, em Turim e em Florença, onde só trabalhei em bibliotecas, foi assim também: tudo fácil e eficiente.

RAPM – As suas pesquisas e análises sobre Minas Gerais no século XVIII partem de alguma preocupação ou eixo central?

Laura – Minhas pesquisas partiram de uma ideia preconcebida, a de que as Minas eram a síntese da colônia e que, por isso, entender o processo de desigualdade que embasava nossa história podia ser feito a partir de Minas: o máximo de riqueza, com o máximo de pobreza e desclassificação social. Hoje, vejo bem diferente. Não sei se porque todos ficamos irremediavelmente pós-modernos, para o bem e para o mal, e *malgré nous mêmes*. Mas tendo a ver o Brasil mais despedaçado. Um *patchwork*, com partes muito diferentes que acabam se compondo. O que a Amazônia tem a ver com Minas?! Não me canso de perguntar o que possibilita a nossa costura: talvez tenha sido de fato o escravismo, como postulam alguns dos grandes historiadores brasileiros. Mas, mesmo assim, as diferenças se impõem e têm de ser consideradas pelo historiador. O escravismo tem mil faces, os escravos têm escravos, eles são negros, mas são também índios; uma vez livres, tornam-se traficantes, a complexidade é inesgotável. Temos de buscar os eixos, mas não é fácil encontrá-los, o nosso mundo se fragmenta cada vez mais enquanto se globaliza cada vez mais. Olhando a cultura americana, Altman

A sociedade de Minas é muito diferente das sociedades mais antigas do litoral: os princípios estratificadores do Antigo Regime são ali todos implodidos, reinventados, rearranjados.

criou um modo de ver o mundo, todo feito de *short cuts*, e no entanto todo interdependente: tema também do terrível *Babel*, filme de Alejandro Gonzáles Iñárritu. Então, voltando a Minas: hoje estou mais atenta às diferenças. A sociedade de Minas é muito diferente das sociedades mais antigas do litoral: os princípios estratificadores do Antigo Regime são ali todos implodidos, reinventados, rearranjados: até a escravidão é diferente. Como, então, valorizar a síntese? Perdi boa parte da convicção antiga. Hoje tendo a ver Minas, São Paulo, Mato Grosso e Goiás

muito complementares. Acho que esse é um terreno de pesquisa a ser desbravado.

RAPM – Por outro lado, em que medida Minas Gerais estabelece um contraponto necessário para se pensar a formação histórica do Brasil e suas tensões, como no caso da escravidão, por exemplo?

Laura – Minas tem uma escravidão diferente, tem coarção – forma pouquíssimo encontrada na América portuguesa. Tem conflitos cotidianos, surdos e permanentes, e tem um número inigualável de quilombos. Tem uma urbanização toda peculiar, assentada numa malha de arraiais, como Cláudia Damasceno mostrou com grande brilho em uma das melhores teses que li em minha carreira.⁹ É decisiva e está

demorando muito para ser publicada no Brasil. Tem as elites miscigenadas e ao mesmo tempo com preconceito de cor – nisso, expressa a colônia como um todo, e depois o país... É uma sociedade de arrivistas, que tem de inventar suas tradições a toque de caixa – diferente, também, das elites com fumos de nobreza da costa nordestina. Enfim, reluto ante a ideia, um tanto difundida entre os historiadores mineiros, de que Minas é um pequeno país, quase com capacidade de se autoexplicar: mas reluto, igualmente, ante a ideia de que sintetize processos tão díspares quanto os em curso no restante da América portuguesa.

RAPM – Em linhas gerais, como a senhora avalia a atual produção historiográfica brasileira sobre o século XVIII?

Laura – É uma produção surpreendente. Muito copiosa, muito variada, muito competente. Curiosamente, oscila entre uma preocupação conceitual – e fica até meio presa a certas camisas de força analíticas – e uma obsessão pelo documento, pela fonte documental. Tem dificuldade de escrever síntese, recorta muito, tende aos estudos micro-históricos, o que se explica devido ao fato de boa parte dessa produção se originar em dissertações e teses. Minas é uma das regiões melhor aquinhoadas com os estudos sobre o século XVIII, diga-se de passagem. Recentemente, fiquei muito impressionada com o avanço verificado nos estudos sobre história indígena: acho um campo importante e promissor. Para Minas, os trabalhos de Maria Leônia Chaves de Resende¹⁰ e de Hal Langfur¹¹ são notáveis. Continuamos exorcizando nosso passado escravista, o que tem se traduzido em estudos magníficos – recentemente, para citar apenas dois, os *Fragmentos setecentistas*, de Sílvia Lara,¹² e o

Domingos Sodré, de João Reis.¹³ Mas acho que temos de ultrapassar, aos poucos, essa obsessão pela escravidão negra. Minha geração inteira, praticamente, se dedicou ao estudo dela. Penso que podemos começar a diversificar. E escrever novas sínteses. Quando queremos ter uma visão geral de um período ou de um evento qualquer, voltamos ao velho Varnhagen, à *História geral da civilização brasileira*, coordenada por Sérgio Buarque de Holanda...¹⁴ Não temos aquelas sínteses portentosas de outras historiografias. Mas talvez seja um problema contemporâneo: também nos outros países não se fazem mais sínteses. No Brasil, esse papel tem sido em parte assumido por historiadores diletantes ou não profissionais: pegam os trabalhos escritos nas universidades e os diluem em uma linguagem agradável. Mas perdem um pedaço do processo, porque a boa síntese precisa ser costurada com ideias e opiniões próprias, não se pode ficar repetindo o que já foi dito: tem de selecionar, recortar também. Por fim, como já observou Stuart Schwartz, é surpreendente que, após certa voga de história cultural, a historiografia contemporânea sobre a colônia esteja bastante voltada para problemas de administração. Acho que é o “efeito Resgate”: com o *Projeto Resgate*, pesquisadores do Brasil todo tiveram acesso fácil a uma documentação marcadamente oficial e passaram a priorizar os temas contemplados por ela. É um momento importante, sem dúvida, e já tem dado bons frutos e alguma polêmica.

RAPM – Nota-se em seus livros uma preocupação em atingir o público não especializado. Qual é o papel do conhecimento histórico na sociedade contemporânea?

Laura – Sou uma historiadora acadêmica, não tenho nenhuma ilusão quanto a isso. Procuo ser cada vez mais simples e acessível, mas não

é fácil. Os historiadores escrevem sobretudo para outros historiadores porque, partindo de uma tradição, querem ir além dela e, ao mesmo tempo, têm a pretensão de explicar os porquês: pretensão meio tola, como aprendi com meu mestre Fernando Novais, pois o grande papel do historiador é antes o de compreender que o de explicar. Contam que, certa vez, o grande filósofo Gerard Lebrun deixou passar uma imprecisão num trabalho de divulgação sobre Kant e ficou se mortificando. Os amigos o consolavam, diziam que aquilo não tinha nenhuma importância, mas ele repetia: “O que irá pensar de mim o padre Vaz?” O padre Henrique de Lima Vaz, como sabem os mineiros, foi um grande kantiano, um grande filósofo, viveu e morreu em Minas Gerais. Que ninguém percebesse seu engano, talvez importasse menos a Lebrun do que decepcionar o padre Vaz. Quando amigos historiadores que reputo muito me apontam erros nos meus trabalhos – mesmo que sejam trabalhos bem-aceitos e apreciados pelo público –, quero morrer de vergonha e de culpa. Infelizmente, isso acontece sempre, em todos os livros, por mais que nos esforcemos. A perfeição é só uma meta, como já dizia Gilberto Gil, e nós, a maioria dos mortais, não somos Pelé nem nada. Por isso, a divulgação científica é tão importante e, ao mesmo tempo, tão traiçoeira. Há coisas que não dá para trocar em miúdos: acho que falei um pouco disso na questão anterior. Quando eu for velha, o que não está tão longe de acontecer, gostaria de escrever sínteses agradáveis, acessíveis e competentes. Porque, acho que já ficou claro, considero o papel da história cada vez mais importante: o mundo está todo conectado, temos de saber muito sobre muitos povos, seremos todos pluriétnicos e pluriculturais, e, em vez de dissolver nossas memórias ou pasteurizá-las, temos de preservá-las nessa multiplicidade fecunda.

RAPM – Quais são seus atuais temas e áreas de interesse na pesquisa?

Laura – Continuo trabalhando com a problemática do Império português, que esteve subjacente a meu último trabalho, *O sol e a sombra*, e que me foi suscitada, mais uma vez, pela familiaridade que adquiri ao longo dos anos com os governadores coloniais de Minas, cujas vidas comecei a pesquisar. Coordeno um grande projeto temático, *Dimensões do Império Português*, financiado pela Fapesp e com dezenas de pesquisadores, abarcando quatro instituições paulistas – USP, Unifesp, Unicamp e Cebrap. Discutimos o Império o tempo todo, exaustivamente, e já temos dois livros no prelo – *Governo dos povos e Escritas do Império*. Há nesse projeto uma mistura essencial de pesquisadores jovens e maduros, um processo altamente revigorante. Fecharemos o ciclo em fevereiro de 2010. Integro ainda o Pronex *Companhia das Índias*, sediado na UFF e coordenado por Ronaldo Vainfas e Guilherme Pereira das Neves – Império, mais uma vez. Desenvolvo um projeto mais individual, mas que se acopla a esses grandes projetos, em torno das fugas de reis na Europa da crise do Antigo Regime: um projeto longo, trabalhoso, que iniciei em 2004 com uma primeira estadia na França, e que venho desenvolvendo como posso ao longo de todos esses anos: até agora, consegui pesquisar um pouco a cada ano, seja em viagens específicas – como foi o caso de Turim –, seja aproveitando convites – como foi o caso de Chicago. É um projeto muito ambicioso, trabalho com três cortes, três dinastias, três histórias, três tradições historiográficas distintas: trata-se também, mas não apenas, de certa desconstrução de memória, já que o nosso príncipe regente e sua mãe louca não foram os únicos que fugiram, nem os primeiros. Talvez este seja o meu manto de Penélope: reluto em terminar,

acho que nunca me diverti tanto com um trabalho, nem enfrentei tantos desafios como agora. Certa incompreensão, às vezes, uma relutância em ver o nosso 1808 num plano mais amplo, em perceber qual o recorte, já que ele não passa pelo da história nacional mais canônica. Se eu conseguir realizar o que tenho na cabeça, será talvez a maior alegria de minha vida como pesquisadora. Por fim, estou este ano às voltas com uma pequena biografia de Cláudio Manuel da Costa, para a coleção *Perfis Brasileiros* da Companhia das Letras. Há anos venho juntando coisas sobre ele, e espero conseguir, porque também essa empreitada não é fácil.

RAPM – Que sugestões a senhora daria aos novos pesquisadores?

Laura – Que tenham paixão, que sem ela não se avança muito. Que não desanimem nunca: sempre há coisas novas a dizer sobre temas que aparentemente estão surrados. Que, neste tempo de hipervalorização da produtividade, resistam aos apelos mais fáceis e escrevam muitas vezes os seus textos; que revisem muito, senão não sai bom: mesmo fazendo isso, cometem-se erros, equívocos e, cometidos, a melhor coisa é reconhecer e corrigir. Mesmo que a verdade histórica não exista, é preciso não trair os registros que ficaram, não adulterar as memórias tecidas, cruzar e confrontar evidências o tempo todo. A história exige imaginação e muito esforço, muito rigor. Como se fosse um espetáculo encenado: a cortina sobe, tudo parece no seu lugar, tão harmonioso e tão fluente, mas se passaram meses, anos até se chegar ali. Gosto muito de balé e tenho fascínio por bailarinas: quanto trabalho, quanto esforço atrás de um gesto, quanto artificialismo e estilização por baixo da aparente naturalidade.

Notas |

1. SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. (Última reedição em 2004.)
2. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 (obra vertida respectivamente para o espanhol e inglês: *El diablo en la Tierra de Santa Cruz: hechicería y religiosidad popular en el Brasil colonial*. Madrid: Alianza, 1993 e *The devil and the land of the holy cross: witchcraft, slavery, and popular religion in Colonial Brazil*. Austin: University of Texas Press, 2003).
3. SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização – séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
4. SOUZA, Laura de Mello e. *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. (Última reedição em 2006.)
5. NOVAIS, Fernando A.; SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.
6. SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
7. MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
8. SOUZA. *O diabo e a terra de Santa Cruz*, capítulos 6 e 8.
9. Essa tese foi publicada: FONSECA, Cláudia Damasceno. *Des terres aux villes de l'or: pouvoirs et territoires urbains au Minas Gerais (Brésil, XVIII siècle)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
10. RESENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios brasileiros: índios coloniais nas Minas Gerais do século do ouro*. São Paulo: Hucitec, 2008.
11. LANGFUR, Hal. *The forbidden lands: colonial identity, frontier violence, and the persistence of Brazil's Eastern Indians, 1750-1830*. Stanford: Stanford University Press, 2006.
12. LARA, Sílvia Hunold. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
13. REIS, João. *Domingos Sodré: um sacerdote africano – escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
14. HOLANDA, Sérgio Buarque (Coord.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960-1977. 7 v.